

O TEXTO NARRATIVO NAS AULAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Aline de Azevedo Gaignoux (UERJ)
alinegaignoux@yahoo.com.br

1. Introdução

A capacidade de compreender e produzir textos com autonomia é condição necessária para quem deseja ter participação ativa nas diversas esferas de atividade da vida em sociedade. Contudo, ao final de oito anos de ensino fundamental e três de ensino médio, a maioria dos estudantes não tem se mostrado capaz de apreender do texto os sentidos que ele transporta nem de escrever textos que produzam o resultado planejado.

O ensino efetivo de leitura e escrita deve ser o objetivo principal da escola: é preciso melhorar cada vez mais o desempenho do aluno na compreensão e produção de textos.

O presente artigo é um gesto nesse sentido: pretende-se desenvolver uma reflexão acerca do estudo do texto narrativo nas aulas de produção textual no ensino fundamental II, buscando estratégias efetivas para a produção de narrativas na sala de aula.

2. O texto narrativo

Uma narrativa é o simulacro das ações do homem no mundo, e o que define o componente narrativo do texto é a mudança de situação, a transformação.

Em síntese, toda narrativa consiste numa sequência de fatos, ações ou situações que, envolvendo participação de personagens, se desenrolam em determinado lugar e momento, durante certo tempo. As circunstâncias e motivações da atuação das personagens e a configuração dos seus conflitos e antagonismos constituem situações dramáticas. (GARCIA, 2007, p. 258)

No interior do texto narrativo, há sempre uma progressão temporal entre os acontecimentos relatados, ou seja, os eventos relatados são concomitantes, anteriores ou posteriores uns aos outros.

Já que o ato de narrar ocorre, por definição, no presente, o qual indica uma concomitância em relação ao momento da fala (no caso, fala do narrador), ele é posterior à história contada, que, por conseguinte, é

anterior a ele; logo, o subsistema do pretérito (pretérito perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito e futuro do pretérito) é o conjunto de tempos por excelência da narração.

A narração está presente em cantigas de roda, contos de fada, poemas de cordel, música popular, piadas, histórias em quadrinhos... O modo de organização narrativo é a base de determinados gêneros literários como a epopeia, o romance, a novela, o conto. Os elementos essenciais para a coesão e a coerência do texto são os verbos no pretérito perfeito e os advérbios indicadores de tempo e espaço. Os fatos são apresentados em sequência, numa relação de causa/efeito. Em suma, narrar é relatar acontecimentos, fatos reais ou imaginários, envolvendo ação e movimento, no transcorrer do tempo.

Uma narrativa se estrutura a partir das seguintes fases: exposição, complicação (conflito), clímax e desfecho. E seus elementos principais são: narrador, personagens, tempo e espaço. O enredo (intriga, trama, história ou estória, urdidura, fábula) é constituído pelo conjunto de fatos que se encadeiam, dos incidentes ou episódios em que as personagens se envolvem, num determinado tempo e num determinado ambiente, motivados por conflitos de interesse ou de paixões. É estruturado por um nexo de causa e efeito. Enredo é, portanto, o que acontece, é a narrativa mesma.

Na exposição, o narrador explica (ou explicava, pois, hoje, muitas narrativas se iniciam na complicação) certas circunstâncias da história, situando-as em certa época e certa ambiência e introduzindo ou apresentando algumas personagens.

A complicação é a fase em que se inicia propriamente o conflito, o choque dos interesses entre o(s) protagonista (s) e o(s) antagonista(s).

O clímax é o ápice da história, seu ponto de maior tensão, aquele estágio em que o conflito entre as personagens centrais chega a um ponto tal, que já não é possível prolongar o desfecho.

O desfecho ou desenlace é a solução mesma dos conflitos, é o momento da grande destruição trágica, da morte, das revelações de identidade, da solução do mistério, da união dos amantes, da descoberta e morte dos vilões etc.

O fato relatado pode ser real ou fictício. A história do gênero humano, a biografia de um herói, a autobiografia, uma reportagem policial constituem relatos de fatos reais. O romance, o conto, a novela, a anedota

(no seu sentido vulgar, história inédita, muitas vezes picante ou divertida) são algumas das espécies do gênero de ficção, sabendo que ficção (do latim *fingere* = fingir) é invenção, é “fingimento”, é produto da imaginação.

Para o trabalho didático inicial com o texto narrativo, é possível estabelecer o seguinte quadro-resumo:

| MODOS DE ORGANIZAÇÃO | DEFINIÇÃO | OBJETIVO | TEMPO DE OCORRÊNCIA NO MUNDO REAL | PRINCIPAIS RECURSOS LINGÜÍSTICOS |
|-----------------------------|---|-------------------------------------|---|---|
| NARRAÇÃO | Consiste no relato de acontecimentos ou fatos reais ou imaginários, envolvendo ação e movimento, no transcorrer do tempo. | Contar os fatos, os acontecimentos. | Sequencialidade. Apresentam fatos em sequência, numa relação de causa/efeito. | Verbos no pretérito e os advérbios indicadores de tempo e espaço, conectores temporais. |

3. O texto narrativo na sala de aula

O processo de desenvolvimento de um indivíduo pressupõe sua inserção na sociedade onde vive, em um grupo social com o qual interage e troca experiências, absorvendo os conhecimentos acumulados dentro do grupo ao longo da sua história. E o que torna isso possível é a linguagem.

Nessa perspectiva, pessoas são agentes verbais, buscam atuar de determinada maneira dentro de seu grupo social, para isso produzem diferentes textos, com base em diversas formas de expressão verbal e não verbal. Reconhecer que existem inúmeras possibilidades de construção textual em função dos objetivos da interação falante/ouvinte é fundamental para o ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

O trabalho de leitura/produção de textos na escola deve favorecer ao aluno a identificação e incorporação de estratégias de organização do discurso que garantam sua unidade e eficiência, já que um enunciado oral ou escrito é considerado um texto quando forma um todo coeso e coerente, constituindo um espaço de produção e circulação de significados, resultado da interação que se estabelece entre os interlocutores.

Cada texto apresenta mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos destinados a lhe assegurar coerência interna. Diferentes atividades devem ser propostas aos alunos, para evidenciar, nesses textos,

os processos de construção linguística, característicos dos diferentes modos de organização do discurso. Assim, o aluno poderá aperfeiçoar-se no uso dos mecanismos linguísticos que já domina na sua linguagem cotidiana, bem como adquirir outros, próprios da língua padrão.

Depois de escolhido o gênero textual com base na avaliação do contexto de produção (situação material e situação social), o agente verbal deve tomar decisões quanto ao planejamento do texto. Isso significa determinar a forma de materialização, escolhendo os diferentes modos de organização do discurso e os recursos linguísticos próprios a cada modo. Cada gênero textual pode constituir-se a partir da combinação de sequências de base descritiva, narrativa, expositiva, argumentativa e injuntiva com características e objetivos definidos.

No presente trabalho, o foco é o texto narrativo, ou seja, o texto em que o modo de organização predominante é a narração. Já foram expostas, na seção anterior, as principais características desse modo. O objetivo desse artigo é apresentar algumas atividades que possam ser utilizadas para que o estudante produza satisfatoriamente um texto de base narrativa.

Para ilustrar como normalmente o texto narrativo é trabalhado na sala de aula, analisou-se a coleção *Todos os Textos* (CEREJA & COCHAR), muito utilizada nas aulas de produção textual de muitas escolas do Rio de Janeiro. A coleção apresenta um livro para cada série do ensino fundamental II, no qual são selecionados os gêneros que devem ser estudados em cada ano. No 8º ano, por exemplo, os gêneros escolhidos são: receita, o texto de regras de jogo, o texto de campanha comunitária, crônica, crônica de humor, crônica argumentativa, debate regrado público, cartas argumentativas, o abaixo-assinado, o texto teatral e roteiro de cinema. O conto e o texto dissertativo-argumentativo são os principais gêneros do 9º ano.

A escolha do trabalho com os gêneros é realmente o mais adequado, recomendação inclusive dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, contudo é importante que o aluno estude as características das sequências textuais, também chamadas modo de organização do discurso, componentes fundamentais na estrutura dos gêneros. Nessa coleção, não há momento para esse estudo.

O estudo do gênero acontece da seguinte forma: leitura de um texto, exercícios sobre o texto para construção das características dos gêneros, proposta de produção textual.

Como aluno irá produzir um texto de base narrativa sem estudar, primeiramente, seus elementos principais? Não é aconselhável pedir ao estudante para produzir uma narrativa se anteriormente não houve o estudo de cada parte que a compõe: exposição, complicação, clímax e desfecho; além de estudar os elementos essenciais: personagens, narrador, espaço e tempo. Não é tão simples quanto parece escrever um texto narrativo. Não basta apenas criatividade como muitos supõem. É necessário conhecer suficientemente a estrutura de um texto de base narrativa, saber o que é narrar, diferenciar a narração de outros modos de organização.

Antes da produção de textos como o conto, o aluno deve ter se apropriado das características fundamentais de uma narrativa, a partir da leitura de diversos textos e da análise dos mesmos, focalizando suas partes essenciais. É importante produzir pequenos parágrafos antes de produzir uma narrativa completa, estudar cada componente do texto narrativo, para que saiba utilizá-los em seu texto futuro.

O trabalho com o texto narrativo deve se iniciar com a leitura. O professor deve ler para os alunos narrativas criteriosamente selecionadas, as quais prendam a atenção do leitor. Após a leitura, inicia-se a reflexão linguística: tempos verbais predominantes, marcadores temporais, conectivos utilizados. Entre os textos lidos há a mesma ocorrência dos tempos verbais? Há o predomínio de marcadores temporais? Quais?

Volta-se então para o conteúdo e a estrutura do texto: qual é o seu objetivo? Qual é o tema abordado? Há uma história sendo contada? Qual? Quem participa dela? Onde ela ocorre? Quando acontecem os fatos narrados? Há um momento de maior tensão? Qual o problema que desencadeia os acontecimentos? O que acontece no final?

A partir dessas questões vão se construindo os conceitos de enredo, exposição, complicação, conflito, clímax e desfecho. Há a delimitação de personagens, espaço e tempo. Cada elemento será trabalhado separadamente.

As propostas de produção serão efetuadas seguindo uma progressão, até chegar efetivamente ao texto narrativo completo. Primeiramente, criam-se personagens; depois, imagina-se um enredo para uma história, pensa-se em um espaço e o descreve... Narrativas prontas serão modificadas e reescritas: modificar a exposição, modificar o clímax, modificar o desfecho. É válido também escrever pequenos parágrafos narrativos, estudar as diferenças entre discurso direto, indireto e indireto livre e seus

efeitos de sentido, transformar discurso direto em indireto e vice-versa, escrever parágrafos nos quais ocorra o discurso indireto livre.

Após essas pequenas produções e muita leitura, o aluno estará mais seguro para escrever sua própria narrativa, pois saberá como planejá-la. Nesse momento, podem ser eleitos os gêneros que serão produzidos. Após o estudo mais profundo dos elementos da narrativa, parte-se para o estudo dos gêneros de base narrativa, como a crônica e o conto.

Depois que o estudante já se apropriou dos elementos de uma narrativa, poderá estabelecer as principais diferenças entre a crônica e o conto: aprofundamento das personagens, delimitação do espaço e do tempo etc. Poderá, então, produzir crônicas narrativas e contos.

4. *Propostas didáticas*

Antes de apresentar as atividades, é necessário lembrar que há interação na produção de um texto escrito. Esse aspecto não pode ficar de fora na sala de aula. O aluno precisa conceber o momento da escrita como um momento de interação.

Geraldi (2008) afirma que é próprio da linguagem seu caráter interlocutivo e a língua é o meio privilegiado de interação entre os homens. Dessa forma, em todas as circunstâncias em que se fala ou se escreve há um interlocutor. Esse aspecto da linguagem não deve ser esquecido nas aulas de língua portuguesa, principalmente nos momentos de produção textual.

A escola é o grande interlocutor do aluno. Todavia, a produção de textos na escola, muitas vezes, foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele)?

Para fugir a tal aspecto, o professor pode propor aos textos produzidos em aula outro destino. E desse destino os alunos devem tomar conhecimento já no início do ano letivo. Como o foco desse artigo é o texto narrativo, uma sugestão seria a organização de uma antologia no final do ano com as narrativas produzidas pelos discentes. Ao longo do trabalho, antes da produção de narrativas completas, uma boa ideia seria criar um “Mural das narrativas”, no qual os parágrafos produzidos, os textos mo-

dificados pelos alunos e os planejamentos escritos seriam expostos para a turma. Uma ótima ideia também é montar uma apresentação teatral baseada nas narrativas produzidas pelos estudantes.

A criatividade do professor pode proporcionar ainda mais atividades nas quais os alunos percebam que há realmente um leitor para seus textos. Mesmo quando o leitor for apenas o professor, o que acontecerá muitas vezes, o estudante deverá enxergá-lo como tal. A correção dialógica é um caminho para a construção dessa imagem.

A seguir, serão propostas algumas atividades para o estudo e produção de narrativas. Essas atividades não podem ser desenvolvidas em apenas uma ou duas aulas. Dependendo da turma e do programa que o professor precise cumprir, elas podem ser desenvolvidas ao longo de um bimestre inteiro, para que o aluno se aproprie efetivamente das características de uma narrativa e seja capaz de produzir.

4.1. Atividade 1

Leitura de um conto em sala de aula. Se for possível, sentar em roda. O professor deve ler o texto em voz alta, enfatizando os elementos dramáticos da narração. Sugestão: “O coração peludo do mago”, de J. K. Rowling, autora da saga do bruxo Harry Potter.

Após a leitura, o professor iniciará o debate sobre a história. Ouvir o que os alunos têm a dizer é sempre importante. Questionar sobre a história, sobre as personagens e suas características psicológicas, sobre o desfecho etc. Depois de ouvi-los, o debate deve ser orientado a partir da análise linguística: qual o tempo verbal predominante? Quais expressões temporais ocorrem no texto? O que elas marcam? Que elementos fazem as conexões entre os parágrafos? Como as falas das personagens são marcadas?

Peça então para cada um escrever em seu caderno o resumo da história com suas próprias palavras, sem consultar o texto. Se for possível, seria interessante ouvir o que a turma escreveu. A partir dessa proposta, explique o que é enredo, escreva no quadro o enredo do texto lido.

Depois, explique que o texto é uma narrativa. É o momento de definir, a partir da história lida, o que é uma narrativa e destacar os principais elementos que a compõem. Essa etapa deve ser feita junto com a

turma, o professor deve questionar os alunos para chegar às respostas. A sistematização é importante.

Na aula seguinte, leve outra história para leitura e discussão com a turma. Sugestão: “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector. Com o texto, peça que a turma identifique os elementos estudados (exposição, complicação, clímax e desfecho). Depois faça a análise das personagens, do espaço, tempo, foco narrativo, tempo verbal predominante etc.

Para aula seguinte, sugira que cada aluno traga um texto narrativo para leitura em sala. Após a leitura em roda para turma, cada um fará análise dos elementos da narrativa que trouxe e entregará para o professor. O objetivo será definir enredo, conflito, clímax etc.

4.2. Atividade 2

De acordo com Garcia (2007, p. 220):

como unidade de composição suficientemente ampla para conter um processo completo de raciocínio e suficientemente curta para nos permitir a análise dos componentes desse processo, na medida em que contribuem para a tarefa da comunicação, o parágrafo oferece aos professores oportunidades didáticas de aproveitamento, em certa medida, mais eficaz do que todo o contexto de uma composição.

Assim, um bom exercício seria estudar a estrutura de parágrafos escolhidos nas mais variadas fontes (livros, editoriais da imprensa, artigos de revista) distinguindo o parágrafo que há narração de outros. Após esse exercício, os alunos produziram parágrafos narrativos: o início de uma história a partir de temas sugeridos pelo professor, um desfecho para um enredo etc.

4.3. Atividade 3

Após o estudo dos elementos da narrativa, são bastante produtivas propostas nas quais o aluno crie apenas parágrafos para narrativas já prontas. A primeira proposta seria escrever a exposição (a introdução) de uma história pronta. A produção seguinte seria modificar o clímax de um texto narrativo. Por último, o aluno modificaria o desfecho. Uma boa ideia também é modificar o foco narrativo de um texto e pedir que o estudante diga que efeito de sentido essa mudança produziu na história.

4.4. Atividade 4

Outros textos podem servir como pretexto para produção textual, definindo interlocução do leitor/texto/autor: “[...] a leitura do texto como pretexto para outra atividade define a própria interlocução que se estabelece. Não vejo por que um texto não possa ser pretexto (para dramatizações, ilustrações, desenhos, produção de outros textos etc.)”. (GERALDI, 2008, p. 97)

Poemas como “Poema tirado de uma notícia de jornal”, de Manuel Bandeira, “O homem, as viagens”, de Drummond, canções como “Eduardo e Mônica” e “Faroeste Caboclo”, de Renato Russo, são bons pretextos para criações de narrativa. Histórias em quadrinhos podem ser reescritas utilizando apenas a linguagem verbal, dramatização de narrativas conhecidas também é uma boa proposta.

4.5. Atividade 5

Depois de ler bastantes textos e de ter realizado produções como as propostas nas atividades acima, o aluno estará mais seguro para escrever narrativas maiores. Nesse momento, o professor pode iniciar o estudo de gêneros narrativos como a crônica e o conto, para posterior produção desses gêneros.

Todas as produções devem ser lidas pelo professor, o qual deve fazer anotações, observações e sugestões para aperfeiçoamento da escrita. A reescritura do texto corrigido é muito importante, o professor deve reler o texto reescrito para averiguar se o estudante efetuou as correções sugeridas.

5. Considerações finais

O objetivo desse artigo foi apresentar uma proposta de trabalho para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno a partir do estudo e da produção do texto narrativo.

O estudo desse tipo de texto não pode ocorrer de forma corriqueira. Não é possível exigir que o estudante produza uma narrativa sem que as características principais da narração sejam estudadas.

Análise de textos e discussão com a turma sobre os elementos essenciais em uma narrativa, produção de parágrafos e pequenas histórias são atividades que auxiliam na produção textual dos discentes.

É importante ressaltar também que a leitura não pode ficar longe da sala de aula. O professor deve incorporar em sua rotina o hábito da leitura em voz alta. Ler textos para os alunos é uma atividade de suma importância, não pode ser algo esporádico. Ao trabalhar os textos narrativos, o docente tem a oportunidade de trazer histórias que encantem seus alunos, contribuindo assim para a formação de leitores.

Incorporando essa metodologia à prática pedagógica, o texto narrativo será estudado de forma consistente, possibilitando produções satisfatórias. O aluno terá uma base para sua produção, conhecerá a estrutura do tipo de texto que deverá criar e aprenderá a planejar o que irá escrever.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Todos os textos*. 3. ed. São Paulo: Atual, 2006.

GARCIA, Moacyr Othon. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 26. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2008.

PARÂMETROS curriculares nacionais: língua portuguesa. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Lições de texto: leitura e redação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.